



PEDRO SANTIAGO

pelo espírito
DIZZI AKIBAH

DA
DOR
AO
AMOR

EDITORA
EVE

ROMANCE MEDIÚNICO

DA
DOR
AO
AMOR



Solicite nosso catálogo completo, com mais de 500 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita – iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 – CEP 13360-000 – Capivari – SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 | Claro (19) 99317-2800

vendas@editoraeme.com.br – www.editoraeme.com.br

Pedro Santiago

pelo espírito
Dizzi Akibah

DA
DOR
AO **AMOR**

Capivari-SP

- 2015-

© 2015 Pedro Santiago

Os direitos autorais deste livro são de exclusividade do autor, que destina toda a renda à assistência social a crianças carentes da cidade de Salvador.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança”, colabora na manutenção da Comunidade Psicossomática Nova Consciência (clínica espírita, masculina, para tratamento da dependência química - álcool e outras drogas), e patrocina, com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição - dezembro/2015 - 5.000 exemplares

CAPA | André Stenico

PROJETO GRÁFICO | Rafael Suzuki Gatti

REVISÃO | Sônia Rodrigues Cervantes

Ficha catalográfica

Akibah, Dizzi (espírito)

Da dor ao amor / pelo espírito Dizzi Akibah, [psicografado por] Pedro Santiago - 1ª ed. dezembro 2015 - Capivari, SP : Editora EME.

208 p.

ISBN 978-85-66805-72-7

1. Romance mediúnico. 2. Clarividência.
3. Existências passadas. 4. Aborto.
5. Obsessão/Desobsessão I. TÍTULO

CDD 133.9

SUMÁRIO

Palavras do autor espiritual.....	7
Contagiado pelo mau exemplo	9
Em defesa da vida	17
Vendo sem crer	33
Medo do desconhecido	47
A fuga	57
Revelações surpreendentes	65
Em Florianópolis e em Lisboa	73
Esclarecimentos oportunos	83
Reminiscências do pretérito	95
Uma nova família.....	103
Todos por um	119
Causas passadas, efeitos presentes	125
Situação tormentosa	137
Atitudes surpreendentes	143
Fazendo o bem sem saber a quem	149
Acolhimento fraterno	155
Restabelecendo a harmonia	161
Na hora do adeus	171
Reencontro emotivo	179
A última porta aberta	185
Os segredos da mansão	191

PALAVRAS DO AUTOR ESPIRITUAL

A NARRATIVA QUE COMPÕE o presente romance traz, na singeleza da nossa expressão, o sincero interesse de fazer chegar aos queridos irmãos leitores uma motivação para o despertar da consciência de quem, porventura, esteja buscando entendimento para a problemática da dor, pois mesmo se tratando de um recurso divino para educação e conseqüentemente elevação espiritual, ainda é temida, repudiada e interpretada, tantas vezes, como castigo. Entretanto, além de colhermos o que plantamos, Deus, a fonte da vida, manifesta a ordem universal por meio das leis imutáveis. Contudo, onde age a justiça divina, se encontra também o seu misericordioso amor.

Embora dotados dos recursos do pensamento e do sentimento, defrontamo-nos, não raramente, com situações que exigem, para o necessário entendimento, o despertar de uma consciência que ainda não temos sobre as leis eternas do Divino Senhor da vida. A falta desse valioso recurso implica a incompreensão da lei de causa e efeito, o que acaba gerando inconformação e revolta em quem, necessariamente, esteja experimentando esse método eficiente de educação.

Assim é que, motivados pelo desejo de minorar as dificuldades geradas pela carência de conscientização, escolhemos a presente história, dentre tantas outras que nos chegam constantemente, a qual nos chamou atenção por causa da diferença notada no modo de viver dos principais personagens que, sem se darem conta, percorrem caminhos diferentes traçados ora pelo amor, ora pela dor, mas que acabam se encaminhando ao mesmo ponto de chegada.

Confiantes em Jesus, o mestre divino de todos nós, e esperando que o objetivo seja alcançado, passamos o presente romance *Da dor ao amor* às mãos do nosso querido irmão leitor, formulando votos de uma boa leitura.

Salvador, 10 de janeiro de 2015.

Dizzi Akibah

CONTAGIADO PELO MAU EXEMPLO

O contágio do mau exemplo é nocivo à boa formação moral.

Dizzi Akibah

DEPOIS DE PREPARAR a mesa farta para o seu jovem patrão, Dorian (Dodô) sentou-se num banco rodeado de flores, na área ajardinada da luxuosa mansão, e passou a observar o movimento das borboletas e abelhas em busca do néctar, enquanto o esperava, na qualidade de empregado doméstico, para servi-lo durante o almoço. Mas a observação foi interrompida ao ouvir a sua voz num tom desagradável:

- Saia da minha frente e não volte a me importunar, pois não tenho nada a ver com a sua vida!

Dodô levantou-se rapidamente, aproximou-se e perguntou:

- Falava com quem, menino doutor?

- Uma mulher que me apareceu de repente, dizendo que queria um pouco da minha atenção. Só me aparece quem quer tirar alguma coisa de mim!

- Eu não vi ninguém mais, a não ser você mesmo! Mas... se ela pediu apenas a sua atenção, por que imaginar que desejava algo além disso?

- Ora, pela roupa que vestia foi fácil deduzir que queria, sim, algo mais!

- Menino doutor, não se deve julgar pela aparência, principalmente

da roupa, porque não é a roupa que qualifica a moralidade e o caráter da pessoa. O objetivo principal do existir é viver no amor e para o amor. Mas quando nos mostramos indiferentes a esse sentimento, precisamos passar pela dor. Cuidado! Você pode até achar que é fácil escapar das leis dos homens, por causa de sua riqueza material, mas não escapa das leis de Deus!

- Eu exijo que você pare de falar desse Deus ilusório na minha casa, pois não existe algo superior ao homem. A mim mesmo, por exemplo! Agora que já sabe, abstenha-se de me importunar! - respondeu o doutor Lúcio, um jovem médico que afirmava não acreditar na existência de Deus nem na vida pós-morte. Para ele, a morte aniquilava a criatura humana, para sempre!

- Mas você, menino doutor - insistiu Dorian - , deve saber que todas as coisas que existem e não foram criadas pelo homem não surgiram do nada. Tem que haver a causa, para que haja, em seguida, o efeito! Mas o fato de você não acreditar na existência de Deus não justifica tanta indiferença e falta de fraternidade com as pessoas consideradas pobres de bens materiais.

- Não ouse, porque você aqui é apenas um empregado sob as minhas ordens, fazendo o que eu mando e como quero! - falou, arrogante, o médico.

- Se podemos, então, medir o valor das coisas ou situações pela origem, a sua vontade, que é transformada em ordem, para ser por mim cumprida, nada significa. E se as minhas tarefas são para você insignificantes, presume-se que os seus pensamentos e a sua vontade têm o mesmo valor, já que "se conhece a árvore, pelos frutos", como disse Jesus.

Diálogos nesse tom eram corriqueiros na casa, conhecida como Mansão dos Anórios. Mas Dodô, como era tratado desde criança, além de não se importar com as palavras duras e tentativas de humilhação que o seu jovem patrão desfechava constantemente contra ele, tinha sempre uma resposta lógica baseada em conhecimentos bem fundamentados, como a seguir:

- Minha crença, doutor, não diz respeito a esperar sem nada fazer.

Mas realizar mudanças que podem modificar o destino, sempre para melhor, pois não somos apenas um amontoado de matéria que, logo ao perder a vitalidade, decompõe.

Parou de falar, mas, como o médico ficou em silêncio, ele prosseguiu:

- Independentemente da nossa vontade, de cremos ou não, a vida continua além do que conhecemos como morte. Ora, se o ato de cremos em nós mesmos gera forças internas de onde provém o otimismo, imagine acreditar e confiar em quem está acima de nós?

O médico, demonstrando desinteresse no assunto, se dirigiu à mesa para o almoço. Uma hora depois, apesar de surpreendido com as ideias do empregado, pegou o paletó, ajeitou o nó da gravata e falou arrogante:

- Nem mais uma palavra, pois meu tempo é precioso. Chega de ouvir, simplesmente por educação, tanta bobagem!

- Perdoe-me a ousadia, mas como considerar bobagem o que aprendi com a saudosa e bondosa senhora Tereza?

- Quê?! Ora, a minha mãe, enquanto viva, nada me falava sobre isso. Por que falaria a você?

- Menino doutor, às vezes só prestamos atenção ao que particularmente nos interessa. O que não nos chama atenção se torna palavra solta ao vento! Era essa a sua postura, toda vez que ela se dirigia a você.

Aparentemente ousado, pelo fato de debater e discutir com doutor Lúcio, seu patrão, Dodô fora criado desde criança ali mesmo na Mansão dos Anórios. A mãe, que se chamava Zenira, quando a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, era adolescente. Liberta da escravidão, passou a trabalhar como lavadeira, na casa de uma família portuguesa, residente em Florianópolis, Santa Catarina, e, posteriormente, para a família da Mansão dos Anórios, onde recebia um tratamento bondoso, especialmente da matrona da família, Isabel, que a ajudava a superar as dificuldades que enfrentava para criar o filho sozinha.

Quando havia necessidade de alguma coisa, bastava, para ser atendida, um recado por Dodô, que na época contava apenas sete anos. Isabel, que se afeiçoara ao menino, toda vez que o via, observava-o detalhadamente, pois além de achar os seus traços fisionômicos parecidos com al-

guém ligado a sua família, estranhava a postura adotada por Zenira, que silenciava e se demonstrava nervosa toda vez que o assunto se referia ao pai de Dodô. Mas, apesar disso, Isabel, achando injusto o pai não assumir a responsabilidade com o filho, aproveitou uma ocasião especial para uma conversa franca.

Espontaneamente e com muita alegria, Zenira se juntara aos empregados da mansão para servir na festa de aniversário da sua benfeitora Isabel. Num determinado momento, aproximou-se da aniversariante levando uma bandeja com doces e, aproveitando o ensejo, disse-lhe:

- Sinhá Isabel, eu queria muito poder oferecer um presente valioso como a senhora merece. Mas peço desculpas por nada possuir...

- Zenira, minha filha - interrompeu-a delicadamente -, as coisas materiais, mesmo as consideradas valiosas, nem sempre se constituem o melhor presente. E por isso, estou certa de que você pode, sim, me oferecer um presente de valor inestimável, que é sua sinceridade!

- Sinhá Isabel, se alguma vez eu faltei com a sinceridade para com a senhora, peço que me perdoe. E prometo que nunca mais deixarei de abrir o meu coração, porque acho que a senhora é um anjo bom que Deus botou no meu caminho!

- Então, Zenira, posso pedir o meu presente?

- Sim, sinhá!

- Me diga, sem faltar com a sinceridade: quem é o pai de Dodô?

Não tendo outra saída e não podendo mais silenciar, como fazia antes, já que acabava de prometer sinceridade, aproximou-se e bem junto ao ouvido da matrona disse-lhe alguma coisa e retirou-se imediatamente do local em lágrimas, enquanto Isabel, impactada com o que ouvira, se tornou por instantes de tal forma alheia ao ambiente, que sequer percebeu que os convidados começavam a entoar a música do parabéns.

Dias depois mandou chamar a escrava liberta, e lhe propôs tornar Dodô, doravante, um criado da casa.

Mas, sendo Isabel dotada de muita sensibilidade no trato, principalmente para com as pessoas carentes, não ficou só nisso. Além de colocá-lo na escola, ela mesma, que era uma exímia educadora, ensinou-lhe bons

princípios, durante oito anos, até que ela veio a falecer. Mas, àquela altura, Tereza, filha única de Isabel, que também se afeiçoara muito a Dodô, casada há muito tempo com Manoel Anório e ainda sem filhos, passou a tratar com amor materno o filho da ex-escrava.

Só depois de muito tempo, quando Tereza já havia perdido a esperança de ser mãe, por causa de um problema de saúde, foi que Lúcio nasceu. Na época, Dodô tinha apenas vinte anos, mas já administrava domesticamente a rica mansão. Orientava os empregados na limpeza, na arrumação e nas atividades da cozinha, pois, nesse particular, se tornara um excelente cozinheiro e, por isso, os alimentos da criança, por preferência de Tereza, passaram a ser preparados por ele. Além disso, viam-no sempre carregando o menino nos braços, segurando a mãozinha, ajudando-o a dar os primeiros passos e participando, com muita alegria, das suas brincadeiras, razões pelas quais acabou cultivando por ele uma grande afeição. O carinho e o respeito com que fora tratado pela maioria dos componentes da família deram-lhe tamanha segurança, que, mesmo diante do menosprezo de Manoel Anório, o único que até então não lhe demonstrava simpatia, não se permitia o desequilíbrio emocional.

Essa situação de relativa paz durou pouco, porque logo depois que Lúcio retornou de Portugal, onde fora estudar medicina, Manoel Anório desencarnou, e o jovem médico, contagiado pelo exemplo do pai, passou a manifestar sua aversão a Dodô, por causa da cor da pele e da condição de criado da casa. Porém, não conseguia externá-la como desejava, em respeito à mãe Tereza. Mas essa proteção também não durou muito, já que, meses depois da morte de Manoel Anório, Tereza desencarnou, deixando Lúcio órfão, mas detentor de uma grande riqueza material, a título de herança.

Sentindo-se senhor de tudo que herdara, o jovem médico, dias depois da morte da mãe, sem qualquer impedimento para manifestar o seu repúdio contra Dodô, tratou imediatamente de desvinculá-lo da condição de criado da casa e, conseqüentemente, da família, como já vinha planejando.

- A partir de agora - disse, autoritário - você será apenas um empre-

gado dessa casa. Para que isso fique claro, você receberá, mensalmente, um salário...

- Menino doutor - interrompeu Dodô -, não desejo receber qualquer pagamento pelo que faço aqui, onde fui criado e tão bem tratado pela sua avó, a benfeitora dona Isabel, e pelo anjo bom dessa casa, dona Tereza, a sua amada mãe.

- Espere, porque eu ainda não terminei de falar. Ouça com atenção: acabou a regalia! Doravante, você fará todos os trabalhos domésticos da casa, porque a partir de amanhã não quero mais ninguém a título de empregado, a não ser você, porque além da despesa com tanta gente aqui dentro, sem quase nada fazer, há muito objeto de grande valor aqui, e assim ficará mais fácil apurar, no caso de roubo, já que, além de mim, só há você aqui. E tem mais: quando eu não estiver em casa, não deixe nem mesmo o meu melhor amigo ultrapassar a porta de entrada. Entendido?

- Mas, menino doutor, para que tanto rigor?!

- Seu papel daqui para frente nessa casa será fazer o que eu mandar, sem questionar... Nunca reclamar, se quiser continuar aqui... senão, a porta por onde você entrou um dia, pela bondade da minha avó, está aberta também para sair.

Dodô, surpreso com a atitude do menino doutor, como o tratava carinhosamente, saiu do local e se dirigiu à área ajardinada da mansão. Sentou-se num banco, fechou os olhos e logo começaram a passar por sua mente as imagens de cada cena, desde quando o carregava nos braços, passando pelas brincadeiras infantis, até quando ele foi para Portugal com o objetivo de estudar medicina. Quando Dodô se deu conta, lágrimas rolavam rosto abaixo.

O jovem médico não herdara apenas bens materiais, mas, sobretudo, as ideias do pai, Manoel Anório, que não demonstrava qualquer sentimento de afeição com as pessoas de cor negra, principalmente as que não tinham recursos financeiros, pois considerava o dinheiro a prioridade da sua vida.

Já a mestra, como era tratada Isabel, e a filha Tereza, uma eficiente advogada, haviam sido consideradas, no meio onde desenvolviam suas

atividades, mulheres brilhantes. Além das qualidades morais intocáveis, demonstravam-se bondosas e amáveis, resultado das observações que faziam, com bastante interesse, das luminosas lições de Jesus contidas no Evangelho, e de muitas outras fontes de conhecimentos, já que se encontravam sempre abertas a qualquer conceito sobre a vida, adotados ou não por religiões, contanto que coincidissem com os ensinamentos de Jesus, e sobretudo quando se tratava da prática da caridade, quer fosse no suprimento das coisas materiais ou do apoio moral, o que não perdiam oportunidade de fazer.

Os ascendentes da família chegaram ao Brasil, mais precisamente a Santa Catarina, na segunda metade do século XIX, onde, por meio da pecuária, do comércio e de negócios ligados a imóveis, conseguiram amear, no decorrer dos anos, uma grande riqueza.

Assim é que o doutor Lúcio, seguidor fiel dos costumes não recomendáveis do pai, em detrimento dos exemplos dignificantes da mãe, sem o amparo da crença em um ser supremo, e ainda jovem, mas senhor de tudo em sua volta, deixou-se afetar pela prepotência e pelo orgulho desenfreados. Nessa situação, passou a nada temer, pois ignorava a justiça divina e fazia pouco caso da justiça dos homens, já que, na sua ótica distorcida, o dinheiro compraria e calaria a todos.

Dodô, no entanto, apesar de tratado com rigor e menosprezo, mantinha-se paciente e tolerante, buscando todos os meios ao seu alcance para despertar o seu jovem patrão à busca do real sentido da vida. Para isso, ele aproveitava as horas de descanso e estudava com afinco o Evangelho, absorvendo o conhecimento das lições luminosas de Jesus e, além disso, pesquisando constantemente obras literárias disponíveis na biblioteca da casa, entre elas as preferidas de Isabel e Tereza, as quais eram mantidas sob os seus cuidados, guardadas em local onde somente ele tinha acesso, pois considerava a leitura um segredo. Fora isso, a alegria da sua vida era servir, motivado pelo argumento de que foi Jesus, o divino mestre, quem mais serviu e continuava servindo a todos.

DA DOR AO AMOR

ESTE ROMANCE SE desenrola entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, simultaneamente em Florianópolis e Lisboa. Um jovem médico, herdeiro muito rico, começa a ver espíritos e, mesmo não acreditando no que vê, deixa-se dominar pelo pavor.

Na ilusão de se livrar dessa situação e prosseguir vivendo libertinamente, como era seu hábito, traça um novo rumo, onde irá beirar um quadro muito conhecido pelos espíritas: a obsessão.

É quando entra em cena um criado que, mesmo maltratado devido à sua condição social e à cor de sua pele, nunca deixa de acreditar que o patrão pode mudar sua perspectiva de vida.

Nessa jornada em busca de encontrar novos valores, não faltarão exemplos de bondade, de perdão e da eficiência da justiça divina, em situações surpreendentes.

ISBN 978-85-66805-72-7



9 788566 805727

www.editoraeme.com.br

